

RITO DE PASSAGEM¹

Sebastião de Sales Silva (Universidade Federal da Bahia – UFBA)²
Lara Rodrigues Machado (Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB)³

RESUMO

Esta apresentação performativa on-line surge como um rito-manifesto assentado nas memórias de brincante, na busca pela canalização da potência dançante desencadeada pelas memórias deixadas pelo encontro com a morte – seja no campo das brincadeiras populares seja nas biografias de seus brincantes – e na construção de um rito in memoriam capaz de fazer (re) nascer o seu ciclo criativo nesse momento atravessado pela perda de mais de 588.640 vidas. Para isso o brincante costura em seu corpo elementos advindos das narrativas sobre a morte presentes em diversas brincadeiras populares com as quais teve contato, propondo então a construção provisória de um rito-brincadeira que lhe possibilite ressignificar elementos autobiográficos relacionados tanto ao encerramento de seus ciclos particulares quanto aos sentidos e sentires que o atravessam em decorrência das perdas causadas pela pandemia de COVID-19. Tomando mais especificamente a morte do Boi como metáfora poética para a sua construção o brincante divide seu rito-brincadeira em três momentos distintos: O lamento fúnebre, a sacralização da ausência e a celebração do (re) nascimento. Neste rito-brincadeira, no isolamento solitário de sua morada, o brincante joga com as diversas posições que assume, levando quem o acompanha em sua dança a questionar-se sobre os sentidos e significações possíveis diante dos símbolos que juntos mobilizam-se. Zé, o Boi e Catirina são as figuras convidadas a entrar na roda, para com ele e por ele dançarem o ciclo da vida-morte-vida presentes nesse rito-brincadeira e experimentado por todos aqueles que compartilham o solo comum da existência.

Palavras-chave: Dança, Brincadeira, Morte, Memória, Catirina.

¹“Rito de passagem”:<https://youtu.be/pnFCurZ5yqw>. Acessado em: 15/09/2021 às 21:55.

²Integrante do GIP “Corpo e Ancestralidade”. Formado em Pedagogia (UVA), Teatro (UFRN), Esp. em Literatura e Cultura do RN (UFRN), Mestre em Artes Cênicas (UFRN), graduando em Dança (UFRN) e doutorando em Dança (UFBA), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lara Rodrigues Machado. Função artística - Intérprete-criador.

³Prof.^a do CFA da UFSB, Colaboradora do PPGDANCA da UFBA, e do PPGARC da UFRN. Líder do GIP “Corpo e Ancestralidade”. Mestre pela Escola Brasileira de Capoeira. Função artística - Direção geral.

ABSTRACT

This online performative presentation emerges as a rite-manifesto based on the memories of the *brincante*, in the search for channeling the dancing power unleashed by the memories left by meeting death - either in the field of popular games or in the biographies of their *brincantes* - and in the construction of a rite *in memoriam* able to cause to (re)birth their creative cycle in such times crossed by the loss of more than 588.640 lives. To do so, the *brincante* sews into his body elements coming from the narratives about death present in several popular games which he had contact with, proposing then the temporary construction of a rite-play that allows him to resignify autobiographical elements related both to the closing of his particular cycles and to the senses and feelings that go through him as a result of the losses caused by the pandemic of COVID-19. Taking more specifically the death of the *Boi* as a poetic metaphor for such construction, the *brincante* divides his rite-play into three distinct moments: The funeral lament, the sacralization of absence and the celebration of (re)birth. In this rite-play, in the solitary isolation of his place, the *brincante* plays with the various positions he assumes, leading those who accompany him in his dance to question themselves about the senses and possible meanings in face of the symbols that are mobilized together. *Zé*, the *Boi*, and *Catirina* are the figures invited to enter the circle, to dance with him and for him the life-death-life cycle present in this rite-play and experienced by all those who share the common ground of existence.

Keywords: Dance, Play, Death, Memory, *Catirina*.

Esta apresentação performativa “Rito de passagem” surge como um manifesto assentado nas memórias de brincante, na busca pela canalização da potência dançante desencadeada pelas memórias deixadas pelo encontro com a morte – seja no campo das brincadeiras populares seja nas biografias de seus brincantes – e na construção de um rito em memória capaz de fazer (re) nascer o seu ciclo criativo nesse momento atravessado pela perda de mais de 588.640 vidas⁴, causadas pela pandemia de COVID-19 até o presente momento.

Inspirados pelo trabalho em comunidade fizemos um mergulho coletivo. Fomos para a mata, para a natureza no espaço do *Vale Encantando* que fica localizado em Pium

⁴Ver mais em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>. Acesso em 15 de setembro de 2021 às 21h:50min.

– um espaço místico sediado na cidade de Parnamirim no Rio Grande do Norte. “Rito de passagem” é uma obra filmica composta por mãos de sete artistas, um coletivo formado por profissionais de múltiplas linguagens; pedimos licença para apresentá-las (os) de maneira específica, com nome e função: Tião Silva enquanto intérprete-criador; Lara Machado na direção geral; Borges Potiguar na direção artística; Salésia Paulino na maquiagem/pele; Thiago Souza nas imagens; Edmário Oliveira na edição e Ananda K na música.

Adentramos a mata, cada um com a sua história, narrativas e memórias atravessadas pelo tempo. Nas palavras de Sebastião Silva - ator e autor deste texto:

Peço licença ao coletivo enquanto intérprete-criador para narrar o meu encontro com a brincadeira escrita neste texto dançado a partir das minhas memórias de brincante de Boi de Reis⁵. Desde a minha infância, via a brincadeira enquanto uma festividade e magia. Ao mesmo tempo em que eu tinha medo de alguns brincantes, eu sentia que a chama da lamparina me convidava a brincar e entrar na roda – era o conhecimento dos meus/minhas ancestrais em forma de labaredas que me convidavam.

Fui atravessado pelas figuras elegantes em forma de fitas, pela maestria e “sabenças” do Mestre, pela malandragem e “mandingas” do Mateus⁶, pela vadiagem do Boi de Reis e pelo feitiço dos olhos de Catirina⁷. Fui atravessado também pela barriga de Catirina. Na barriga dela encontrava-se um menino que poderia nascer com cara de boi, caso o Mateus não matasse o boi mais bonito da fazenda e desse a língua para ela comer.

⁵Ver mais em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/22628>, Saudades Z(é): metaforizando a construção do corpo brincante (SILVA, 2017). Acesso em 10 de julho de 2021 às 20:26.

⁶Mateus é uma figura que transcende os tempos. Ele supera a regência de um mundo tirano e transforma a todos que o assistem com a sua dança, com o seus dizeres, com a sua meninice, com o seu corpo. (SILVA, 2017).

⁷Catirina é a presença do feminino na brincadeira. Na história do Boi de Reis, ela é a mulher do Mateus que está grávida e que tem um desejo estranho – comer a língua do boi mais bonito, mais mimoso, o boi premiado da fazenda. (SILVA, 2017).



Figura 1: Desejo de Catirina⁸

Tudo isso me fez cair na gira da brincadeira. Fiz a minha iniciação ainda dentro do corpo da minha mãe quando ela e meu pai (que também foi brincante de Boi de Reis) prepararam a minha vinda ao mundo – entre desejos, suspiros, gozos e brincadeiras, os dois davam pulso para um “corpo” em formação; não sabiam que o seu filho viveria nessas andanças para anunciar a morte e ressurreição de um fenômeno em forma de brincadeira, um Rito de passagem.

Um Rito de passagem que celebra a história de tantos povos e culturas do Brasil, mas especialmente do povo nordestino. Aqui o movimento é o chão que dispara, em nós, criação. Aqui a cultura enquanto movimento é vida. Como lindamente nos diz Eduardo Oliveira (2021):

A vida é movimento e cultura é a percepção desse movimento. Quanto maior nossa condição de percepção do mundo, mais podemos interagir com ele. Porém, o modo de interação ultrapassa de longe o código e envolve os afectos, os perceptos e a energia emitida, recebida e relacionada. O código é apenas uma fotografia do real. A interação é muito mais que o pensamento. O pensamento é memória como uma forma de ordenamento da cultura, mas a cultura, pensada aqui como movimento, é muito mais do que mero ordenamento lógico. Ela é um mosaico perceptivo. (OLIVEIRA, 2021, p.88).

Dessa maneira, inspirados em tantos brincantes populares do nordeste brasileiro, e amparados por suas festividades, a criação “Rito de passagem” busca firmar suas

⁸ Borges Potiguar, 2021.

raízes por meio das memórias corporais do intérprete em cena e proporcionar transformações desde o corpo para uma reflexão sobre o aqui agora, num longo período de decantação dos afetos, das sabenças, das memórias corporificadas, tudo isso pisando o solo do Rio Grande do Norte - Brasil. Assim como nos descreve Graziela Rodrigues (1997), ao falar sobre as pesquisas de campo:

Observa-se um longo período para a concretização da festividade. Todos os momentos e suas localizações são importantes porque fazem parte de um percurso, durante o qual as pessoas encarnam as raízes da festividade. As raízes das festividades encontram-se nos deslocamentos das emoções e dos afetos, sendo a esperança o núcleo que propicia as transformações da morte para a vida. (RODRIGUES, 1997, p.66).

O brincante, em cena de terra lavada, costura em seu corpo elementos advindos das narrativas sobre a morte presentes em diversas brincadeiras populares com as quais teve contato, propondo então a construção provisória de um rito-brincadeira que lhe possibilite ressignificar elementos autobiográficos relacionados tanto ao encerramento de seus ciclos particulares, quanto aos sentidos e sentires que o atravessam em decorrência das perdas causadas pela pandemia.

Por meio da proposta metodológica do “Jogo da Construção Poética”⁹ desenvolve-se laboratórios de dança onde a personagem “ancestral – Catirina” se desloca entre águas e terras, memórias e “sabenças” de seus povos e culturas. Catirina é a personagem que desde o corpo do intérprete-criador vem desenvolvendo andanças e girando cenas pelo Brasil em diálogos com seus povos e comunidades. Assim, o “Jogo da Construção Poética” convida a perceber sentidos por meio da liberdade de criar.

A partir desses sentidos – que são trabalhados em função da poética e constituem-se íntegros para cada um dos corpos envolvidos, constroem-se possíveis relações desde o campo de pesquisa até a cena criativa que oferecem sensações de *dançar jogando* e *jogar dançando*. (MACHADO, 2017, p.69).

Nesses jogos dançamos cada um (a) com a sua especificidade artística. Tivemos a mãe natureza e suas maestrias, como um cenário vivo. Cenário que pulsou, respirou e dançou as nossas memórias, uma dança singular que se pluraliza no encontro com o

⁹Proposta metodológica descrita no livro “Danças no Jogo da Construção Poética” /Lara Rodrigues Machado; Organizadora Sara Maria Andrade – Natal: Jovens Escribas, 2017.

outro. Ao chegarmos no Vale Encantado percebemos que já estava tudo ali: o rio, a argila, os rastros dos (as) nossos (as) ancestrais, os vultos daqueles (as) que vieram antes e dos que ainda estão por vir e, também os sussurros da própria natureza que foram nos conduzindo, jogando com todos as pessoas envolvidos (as). “Rito de passagem” é uma obra filmica que atravessa o espelho d’água de nossos corpos e nos desnuda, ou ainda podemos dizer que ela é uma dança que dá um giro sobre nós mesmos, nos colocando frente a frente com os nossos medos, desejos, silêncios, gritos, provocando em nós atravessamentos.



Figura 2: Nascimento de Catirina¹⁰

Assim também, os corpos das diferentes “Catirinas”, tanto aqueles encontrados no campo de pesquisa, como estes habitados pelo brincante em cena de “Rito de passagem” nos ofertam “sentidos”, despertam inquietudes e propõem poéticas dançadas. Ainda Graziela Rodrigues (1997), ao descrever o corpo no campo de pesquisa, nos diz que:

A concretude deste corpo, porque matéria e alma, nos ensina que a dança é consequência de umas tantas interações cuja chave é a memória do afeto. Assim, penetrar nos simbolismos do Boi, significa morrer e renascer, devolvendo ao corpo vitalidade. (RODRIGUES, 1997, p.32).

¹⁰Borges Potiguar, 2021.

Tomando mais especificamente a morte do Boi como metáfora poética para a sua construção o brincante divide seu rito-brincadeira em três momentos distintos: O lamento fúnebre, a sacralização da ausência e a celebração do (re) nascimento.

O primeiro momento foi vivido em “Rito de passagem” a partir da mortificação de algumas memórias do brincante; para este rito foi necessário enterrar histórias que estavam cravadas em seu corpo. O artista se despiu de si, organizou a partida de memórias outras, banhou-se no rio Pium e deixou que as correntezas levassem tudo que não pertencia mais a ele. Chorou e fez grunhidos como se estivesse em um lamento fúnebre, mas ele sabia que era preciso se desapegar daquilo que não fazia mais sentido.

Com isso, o intérprete se banhou nas águas do rio, realizando o segundo momento do seu rito, estava tornando o seu corpo um oratório sacro, até então tomado pelo vazio. Percebia-se um corpo prostrado pela ausência de todas as vidas que já se foram. “Rito de passagem” é a celebração do (re) nascimento. É uma dança que cura.



Figura 3: Catirina Ancestral¹¹

Nossa proposta artística de criação para a cena abraça carinhosamente uma teia de percepções do corpo dançante. Durante o processo criativo, organiza-se um grande baú de preciosidades. Neste baú estão objetos simbólicos, desenhos, depoimentos, fotografias, textos, rabiscos, canções e retalhos. Retalhos que tecem pedaços guardados de nossas histórias, da história de nossas ancestrais. Para dar continuidade ao nosso

¹¹Borges Potiguar, 2021.

texto, escolhemos dividir com nossas (os) leitoras e leitores, retalhos de “Rito de passagem” na voz escrita do intérprete-criador:

Enquanto intérprete-criador desse “Rito de passagem” dancei com muitas (os) que cingiram, na tessitura do meu corpo, memórias de outrora, mas também memórias (re) criadas no aqui e agora. Entre giros, atravessamentos e mergulhos, me encontro em um processo de autorrevelação. Estava tudo ali no Vale Encantando. Ao adentrar no laboratório de criação, mergulhei no rio e vivi uma simbiose – percebi desde o corpo muitas personagens, todas “Catirinas”.

Um corpo cavalgado e rezado por mulheres. “Catirinas” assentadas em meu corpo/pele que foi se revelando através de algumas figuras femininas representadas pela natureza - terra, água e lama. Não me reconheci. O meu corpo negro, retilíneo, de 1,94 curvou-se como um miolo quando a lama dançou sobre o avesso do avesso das minhas memórias ancestrais. Tudo se transformou. As minhas costas queriam gritar enquanto o meu peito silenciava diante de tantas figuras em mim. Elas giravam, cuspiam, escarravam, corriam, sorriam, dançavam e retroalimentavam-me em um processo de criação de um novo ser – não sou mais o mesmo desde aquele dia. Meu corpo banto abriu-se. Encontrei-me com minhas e meus ancestrais desde África até os povos ameríndios que habitam o território do Rio Grande do Norte. Vivi atravessamentos. Encontrei-me com as minhas raízes espalhadas pelo mundo afora através de um “Rito de passagem”. A partir desse ritual, entendi que preciso estar aberto para ser embalado, modelado por todas as “Catirinas”, sejam essas as minhas avós que rezaram sobre a minha cabeça, a minha mãe que me carregou em seu ventre, a minha irmã que tem o dom de revelar os meus sonhos e/ou a minha sobrinha que me coloca para dançar a partir de seu corpo-brincante. Todas costuram o meu corpo e como um tecido ainda sem cor ou

estampa, elas me modelam em andanças que narram as nossas narrativas ancestrais.

“Rito de passagem” é um passe, um prelúdio que dá pistas para a construção de um novo ser, de uma criatura que nasce a partir da mistura da terra com água.



Figura 4: Giros em Catirinas¹²

“Rito de passagem” foi um desvelar de memórias e um convite para dançar a partir das raízes afro-ameríndias.

Fiz uma imersão. Encontrei-me com todas as divindades ancestrais – elas estavam ali, no ar, na terra, na água, em todos os cantares advindos da natureza, desde o rolar das folhas sobre o chão, dançando sobre o meu corpo até os ruídos, gritos e grunhidos emitidos pelo vento – e fui batizado no rio Pium. Ao mergulhar fui despido diante dos olhares de todas (os) que estavam ali, registrando as imagens, dirigindo as ideias artísticas ou ainda permeando a minha pele com o barro. Cada pessoa viveu o seu processo de autodescoberta. Ao sairmos do Vale Encantado, voltamos para as nossas moradas. Cheguei em casa e ainda estava em êxtase com tudo o que vivemos juntos. Não tenho certeza de nada! Peço licença aos que costuraram “Rito de passagem” para agradecer por ter vivido esse ritual

¹² Borges Potiguar, 2021.

cíclico de mortes e (re) nascimentos dançados nas encruzilhadas do meu corpo.

Neste rito-brincadeira, no isolamento solitário de suas moradas, o brincante joga com as diversas posições que assume, levando quem o acompanha em sua dança a questionar-se sobre os sentidos e significações possíveis diante dos símbolos que juntos mobilizam-se. Mateus, o Boi e Catirina são as figuras convidadas a entrar na roda, para com ele e por ele dançarem o ciclo da vida-morte-vida presente nesse rito-brincadeira e experimentado por todos aqueles que compartilham o solo comum da existência.

REFERÊNCIAS

MACHADO, Lara Rodrigues; ANDRADE, Sara Maria de. (Org.). **Danças no jogo da construção poética**. 1^a. ed. Natal: Jovens Escribas, 2017, 188p.

OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Coleção X (Organização: Rafael Haddock - Lobo), 1 ed. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2021.

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino, pesquisador, intérprete**: processo de formação. 1. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

SILVA, Sebastião de Sales. **Saudades Z (é)**: metaforizando a construção do corpo brincante. 2017. 100f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.